

Revista
Latino-americana de

*G*eografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti em Alfenas/MG

*Territorialización de la Prostitución Transexual y
Travesti en Alfenas/MG*

*Territorialization of Transsexual and Travesti
Prostitution in Alfenas/ MG*

Evânio Branquinho

Universidade Federal de Alfenas - Brasil
esbranquinho@uol.com.br

Jean Dutra

Universidade Federal de Alfenas - Brasil
jeanluka1996@gmail.com

Como citar este artigo:

BRANQUINHO, Evânio; DUTRA, Jean.
Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti
em Alfenas/MG. **Revista Latino Americana de
Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 201-227, 2022.
ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti em Alfenas/MG

Territorialización de la prostitución transexual y travesti en Alfenas/MG

Territorialization of transsexual and travesti prostitution in Alfenas/ MG

Resumo

Na presente pesquisa, procuramos entender o território da prostituição transexual e travesti em Alfenas/MG, a partir das vozes dos sujeitos envolvidos no processo. Para tanto, discutimos o conceito de território e os seus pressupostos presentes na Geografia, articulados ao tema sobre identidade e gênero. Para ouvir as vozes das pessoas territorializadas na prostituição em Alfenas/MG, realizamos doze entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres trans que trabalham nessa atividade, com cinco moradores e duas comerciantes, que partilham o espaço territorializado por elas durante o período noturno. Na cidade, é conhecido o exercício da prostituição transexual pela extensão da Avenida Governador Valadares, fenômeno marcado pela marginalização e cinismo por parte da sociedade heteronormativa.

Palavras-Chave: Território; Transexual; Travesti; Prostituição.

Resumen

En la presente investigación, buscamos comprender el territorio de la prostitución transexual y travesti en Alfenas/MG por medio de las voces de los sujetos inmersos en ese proceso. Por lo tanto, discutimos el concepto de territorio y sus supuestos presentes en la Geografía, vinculados al tema de la identidad y el género. Para escuchar las voces de las personas territorializadas en la prostitución en Alfenas/MG, realizamos doce entrevistas semiestruturadas con cinco mujeres transexuales que trabajan con esta actividad, cinco personas que viven en la vecindad y a dos comerciantes que comparten el espacio territorializado por ellas durante la noche. En la ciudad, el ejercicio de la prostitución transexual es conocido por la ampliación de la Avenida Governador Valadares, fenómeno marcado por la marginación y el cinismo por parte de la sociedad heteronormativa.

Palabras-Clave: Territorio; Transexual; Travesti; Prostitución.

Abstract

This research sought to understand the territory of transsexual and travesti prostitution in Alfenas/MG from the voices of the subjects involved in the process. With this aim, we discuss the concept of territory and its presumptions present in Geography in connection to the theme of identity and gender. To hear the voices of people territorialized in prostitution in Alfenas/MG, we conducted twelve semi-structured interviews with five trans women who work in this activity, with five residents, and with two traders who share the space territorialized by those women during the night. In the city, the practice of transsexual prostitution is observed throughout Avenida Governador Valadares, a phenomenon marked by marginalization and cynicism on the part of heteronormative society.

Keywords: Territory; Transsexual; Travesti, Prostitution.

Evânio dos Santos Branquinho, Jean Luka Fernandes Dutra



Introdução

No presente estudo, abordamos o território da prostituição transexual na cidade de Alfenas, Minas Gerais. Na cidade, é conhecido o estabelecimento da prostituição transexual pela extensão da Avenida Governador Valadares, fenômeno marcado pela marginalização e cinismo por parte da sociedade heteronormativa. De acordo com Butler (2003), a heteronormatividade refere-se à construção cultural que institui e normatiza um padrão de identidade sexo/gênero/sexualidade, fundado no dualismo do sexo biológico, heterossexual, e na hierarquização do masculino sobre o feminino.

Mesmo quando a ciência procurou entender a transexualidade, só o fez no nível da visibilidade, de modo que a questão da realização dos direitos das pessoas trans não foi tratada, não se pensava no respeito à identidade, mas na correção de um erro por meio de intervenções cirúrgicas.

O território da prostituição transexual transcende o tradicional conceito do território que enfatiza e privilegia a questão institucional, bem como as formulações que entendem o território como apenas a materialidade do espaço, o valor simbólico ou o poder político que nele se inscreve.

Portanto, procurou-se, primeiro, entender o conceito de território de forma a contemplar os sujeitos em questão e suas formas de territorialização e territorialidade, debatendo as principais concepções e o que se tem produzido mais recentemente na Geografia. A partir disso, discutimos a questão do gênero relativa à transexualidade, entendendo esses sujeitos em sua formação social própria.

Sendo importante trazer a perspectiva dos sujeitos entrevistados, procura-se estabelecer seus perfis, junto a uma discussão sobre a escolaridade, renda e trabalho, visa-se entender a questão socioeconômica dessa atividade, bem como as perspectivas de vida profissional e pessoal e os sonhos desses sujeitos.

Na terceira e última parte da pesquisa, analisamos as entrevistas, bem como a pesquisa em campo e as conversas informais realizadas com sujeitos transexuais de Alfenas/MG que se prostituem ou já se prostituíram. Salientamos que algumas informações não foram permitidas para a publicação pelas entrevistadas, visto que alguns temas envolvem a marginalidade perante a lei e a norma social imposta. A partir disso, estabelecemos parâmetros para a definição e estudo do território da prostituição transexual na cidade, problematizando, no sentido de entender as características do território em questão, os conflitos que o permeiam, as redes e a migração da prostituição transexual.

Metodologia

O presente trabalho foi produzido com base na metodologia qualitativa de pesquisa. Como primeira etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a situação das populações transexuais e travestis no Brasil, relacionando de forma direta à prostituição/marginalização desses grupos com os conceitos de território, territorialidade e identidade. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa teórica focada no conceito de território, na qual se buscou a melhor definição e/ou discussão teórica que contemplasse o que era possível se observar em campo no território de prostituição trans de Alfenas/MG.

Os dados secundários usados para demonstrar a situação das populações transexuais e travestis no Brasil foram obtidos no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2010, e no site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

A partir de diálogo feito com o Movimento Gay de Alfenas (MGA), que passou o contato de uma pessoa trans, foi marcada a primeira entrevista, fato esse que abriu caminho para que o autor conseguisse adentrar na comunidade trans e travesti de Alfenas/MG.

Foi criado um roteiro de questões semiestruturadas que abordavam temas como: aceitação e descoberta como trans ou travesti; prostituição na Avenida; preconceito, perspectivas futuras, renda, relações entre as próprias pessoas trans e com o seu entorno na Avenida e território com a elaboração de novas questões dentro do contexto exposto durante as entrevistas.

Nessa etapa foi realizado um total de quatro entrevistas com mulheres trans que trabalhavam com prostituição na Avenida e uma entrevista com outra mulher trans, que não trabalha atualmente com prostituição. Além dessas, foram realizadas duas entrevistas com comerciantes da Avenida e cinco com moradores da mesma, na qual se tentou captar o que esses outros atores consideram sobre a atividade de prostituição realizada naquele local.

Concomitantemente, foi realizada uma observação direta na modalidade *outsider* junto aos grupos trans, no horário de trabalho delas na Avenida Governador Valadares. Essa técnica foi usada principalmente por dois motivos: observar pessoalmente para depois delimitar onde ocorre a atividade de prostituição trans ao longo da Avenida; além das conversas informais que foram realizadas, nas quais foram obtidas e posteriormente anotadas informações relevantes. Essas observações e interações ocorreram aproximadamente uma dezena de vezes, entre janeiro e fevereiro de 2020.

Como última etapa desse trabalho, foi realizada a produção de um mapa que delimita o atual território de prostituição trans e travesti realizada na Avenida Governador Valadares e demarca os principais pontos e áreas do mercado da prostituição em Alfenas/MG. O registro fotográfico conta com fotos tiradas pelo autor ou pelas próprias mulheres trans.

Área de estudo

A cidade de Alfenas está localizada na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, conforme exposto na Figura 1, possuindo uma população estimada de 80.494 habitantes (IBGE, 2021), existe ainda uma dinâmica populacional flutuante devido ao grande número de estudantes das universidades presentes na cidade.

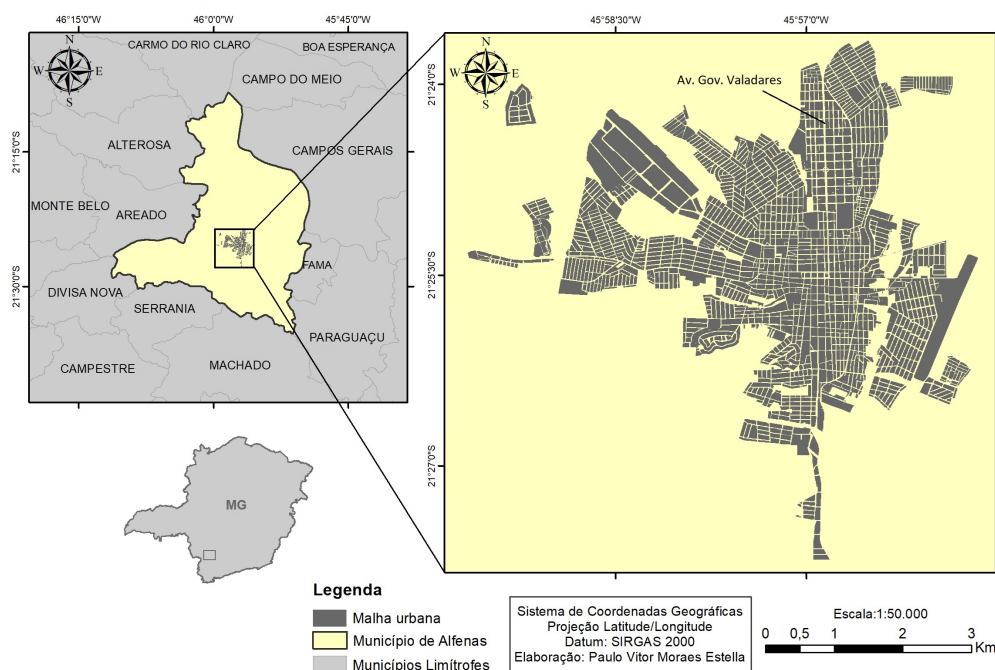
Na parte agrícola, assim como a região sul-mineira, destaca-se a produção de café, mas, há décadas, a principal fonte de renda da cidade é a atividade de serviços. Em segundo lugar de importância econômica, aparece a produção industrial que, nos últimos anos, desenvolveu-se de maneira mais intensa na cidade, pela chamada “guerra fiscal”, na qual a isenção de impostos e a criação do distrito industrial trouxeram um número significativo de empresas industriais. Todos esses fatores condicionam a cidade como um polo microrregional (IBGE, 2021).

Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti em Alfenas/MG

No setor norte da cidade, destaca-se um eixo de considerável importância econômica e de ligação, a Avenida Governador Valadares (Figura 1). Possuindo aproximadamente três quilômetros de extensão, essa avenida é responsável pela entrada da cidade, vindo da BR-369, o que gera um significativo fluxo de caminhões passando por ali diariamente.

Além disso, grande parte da Avenida Governador Valadares é dedicada ao comércio e à prestação de serviços, possuindo comparativamente um pequeno número de residências em toda sua extensão. Estas residências ficam mais localizadas nos bairros e ruas adjacentes a essa avenida.

Figura 1 – Localização do Município de Alfenas/MG e perímetro urbano



Fonte: Estella (2019).

Transexualidade, gênero e prostituição

A própria existência da pessoa trans, apesar de se inscrever sob a categoria universal de humanidade, questiona a ordem estabelecida dessa universalidade, apontando o caráter múltiplo da existência do ser humano e da mulher (ROVAI, 2019, p. 26). De forma desviante da normatização sexual promovida pela reprodução da sociabilidade, as travestis e as transexuais são pessoas que se reconhecem por outro gênero que não o que lhes foi determinado assim que nasceram.

Nesse sentido, são especificamente indivíduos que se reconhecem como mulheres na rejeição do papel imposto segundo o sexo biológico com o qual nasceram, que lhes imputa, de forma genérica, o conjunto de comportamentos que a sociedade costumeiramente entende como masculino. Foucault (1998, p. 232) assinala como a “produção de uma verdade”, discurso corrente que se revela um importante instrumento de controle e de poder.

Essas mulheres transexuais e as travestis, apesar de se agruparem segundo o

que chamamos, em geral, de transgêneros, possuem demandas sociais específicas e reivindicadas por elas (SILVA; ORNAT, 2011, p. 168). Desse modo, consideramos aqui que tanto as travestis como as transexuais conformam grupos particulares dentro da transexualidade.

Segundo Nascimento (2015), as travestis adotam uma identidade do sexo biológico oposto ao qual nasceram, vestem-se e vivem no gênero oposto, mas não abandonam integralmente o gênero masculino, de modo que não têm o desconforto com a sua genital masculina; diversamente das transexuais, que se sentem no sexo oposto na medida em que eliminam, ou procuram eliminar, a biologia masculina de seu corpo. As travestis, então, no que tange ao comportamento sexual, podem ser ativas ou passivas na sua relação com os homens, ao contrário das transexuais, que costumam atuar como passivas. Sobre a questão da prostituição transexual, a cirurgia de mudança de sexo pode acontecer por desejo pessoal ou por conveniências de ordem profissional.

Para as travestis, as mudanças corporais não são tão importantes quanto para as transexuais, apesar de se fazerem presentes, visto que não é exatamente isso que as difere. Em suma, as transexuais nunca pertenceram ao gênero masculino, procurando eliminá-lo de seu corpo e comportamento, sendo pertencentes ao sexo oposto, diferente das travestis, que se identificam com o gênero oposto. Desse modo, as travestis fluem entre os gêneros, assumindo comportamentos sexuais ora determinados como femininos, ora determinados como masculinos (NASCIMENTO, 2015).

Sobre a relação entre a identidade de gênero e o território, de maneira geral, segundo Silva e Ornat (2011), o conjunto de normas fundadas por meio da conveniência tem por suporte códigos que são reconhecidos pelos pares, ou seja, os indivíduos que compõem o grupo territorializado. Os padrões de relações de gênero também compõem essas normas, compreendidas de forma tácita. Nesse entendimento, o gênero seria um conjunto de ideias “que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem e ao que é ser mulher, uma categoria de espera comportamental que é posta sobre um corpo sexuado” (SILVA; ORNAT, 2011, p. 168 e 172). No entanto, é importante salientar que nem toda travesti ou transexual trabalha como prostituta, ou seja, é equivocado atribuir a prostituição como condição necessária a elas. O que acontece é que, devido às dificuldades – as travestis e as transexuais sofrem uma forma particular de transfobia ainda mais violenta – de ter um ambiente propício para a adequada educação, bem como de encontrar bons empregos e oportunidades de empoderamento. Restando assim, para muitas delas, apenas a opção da sobrevivência material por meio da prostituição.

O território da prostituição travesti tem como um de seus fundamentos, segundo Silva e Ornat (2011, p. 168), a comunicação entre as próprias travestis e delas para com os clientes, policiais e demais grupos sociais – aqui, adicionamos os comerciantes e outros trabalhadores que convivem no mesmo território, mas com funções diferentes. Nesse sentido, consideramos que o território da prostituição travesti, além de se constituir sobre um substrato referencial, constitui determinada superposição em um território e um período específico de tempo, que seria pela noite e no decorrer da madrugada.

Sobre isso, Souza (2000), ao tratar da questão dos territórios de prostituição em geral, postula que ele tem um caráter temporário de apropriação do espaço

– apenas à noite, quando as ruas não estão tomadas pelo movimento diurno dos trabalhadores, consumidores e/ou moradores, estabelecendo então uma territorialização de caráter cíclico, de alternância entre os usos diurnos e noturnos do espaço. Os territórios de prostituição travesti, portanto, são instituídos por meio da imposição de condutas em espaços determinados e por um período de tempo determinado, o que o autor designa como “flutuantes” ou “móveis”.

Essa forma de territorialização pode construir relações entre identidade e espaço, de forma que o território de prostituição converte a ocultação da sexualidade em uma tática de sobrevivência que se fundamenta na exposição pública do corpo com vistas à apropriação privada por um outro. Nesse sentido, as travestis ressignificam o “gueto em território e o estigma em orgulho” (LOURO *apud* SILVA; ORNAT, 2011, p. 169). Esses sujeitos apropriam-se dos espaços por um período de tempo, determinando ali uma dinâmica própria, ou seja, territorializam, formando um grupo dotado de certa coesão na sua identidade.

Esses territórios são locais de aprendizado a partir de um cotidiano não aprazível de prostituição, fundamentando comportamentos que se referenciam na esperteza, malícia e força, como um escudo contra a transfobia que atinge de forma especialmente violenta as travestis e as mulheres trans. No território, esse cotidiano afeta emocionalmente os sujeitos, de modo que é por meio do território que elas vão construindo uma identidade marcada pelos valores úteis na vida da rua.

Segundo Silva e Ornat:

O território da prostituição travesti é um amálgama constituído por afetos, disputas, relações amorosas e comerciais, estruturado em redes de significados que as travestis constroem em relação ao território e sobre si mesmas. É no território, ainda, que elas aprendem a performar a subversão do gênero, é aqui onde elas se tornam travestis, incorporando os elementos que são comuns à identidade feminina num corpo que, biologicamente sendo masculino, vai se feminilizando por meio da performance, mas também por meio de alterações hormonais e cirurgias. Na dialética entre exclusão e apropriação do espaço, é no território que as travestis se fortalecem, onde se forjam como indivíduos que não devem ser ingênuos, mas corajosos e espertos na medida em que avançam ‘no processo de transformação do corpo andrógino ao corpo travesti’ (SILVA; ORNAT, 2011, p. 179-180).

Haesbaert (2021), apoiado em Cruz Hernandez, destaca o “corpo-território”, como unidade espacial mínima, entidade relacional e como o “primeiro território de luta”:

O corpo, e notadamente o corpo feminino e de outros grupos dissidentes, revela a concretude de inúmeras ‘outras escalas de opressões, de resistências: família, praça pública, comunidade, bairro, organização social, território indígena, etc.’ (HERNÁNDEZ, 2017, p. 43 *apud* HAESBAERT, 2021, p. 175).

No que tange à territorialidade, as travestis conformam um grupo marcado pela subversão da performance do gênero imposta, carregando consigo, segundo a dualidade que marca a sexualidade normatizada, duas formas de comportamento corporal sexual. A territorialidade, em geral, carrega a criação de normas e valores identitários que, no caso das travestis, porta a subversão mencionada acima, como todos os estigmas sociais e moralistas que são apregoados pelo conjunto das forças sociais. Nesse sentido, as performances e comportamentos identitários não são desempenhados pelas travestis como reprodução de papéis pré-definidos, mas na “ressignificação de novas formas de comportamento” (SILVA; ORNAT, 2011, p.173).

Perfil das mulheres transexuais e travestis profissionais do sexo

Conforme discutido na seção anterior, há uma ampla diversidade nas definições dos termos “trans”, “transexual”, “transgênero” e “travesti”. Portanto, considerando tratar-se de identidades, de como as pessoas se veem e se posicionam, o critério adotado nas entrevistas foi a autoidentificação. Nesse sentido, todas as cinco entrevistadas identificaram-se como “mulheres trans” ou simplesmente “trans” e, por isso, daremos mais destaque a este grupo, apresentando trechos de seus depoimentos. Entretanto, entre as que não aceitaram ser entrevistadas, em conversas informais, três identificaram-se como travestis. Portanto, consideramos esses dois grupos: transexuais (ou trans) e travestis.

A prostituição costuma surgir na vida dessas mulheres transexuais e travestis atrelada principalmente a dois fatores: o abandono familiar gerado pelo preconceito à identidade de gênero desses sujeitos e à necessidade de conseguir dinheiro muito jovem, tanto para a sobrevivência como para as transformações corporais que elas desejam, atrelado ao preconceito e à falta de oportunidades que o mercado de trabalho formal reproduz sobre essas pessoas.

[...] como eu disse minha mãe e meu pai não me aceitaram, meus irmãos e irmãs que eram mais velhos, muito menos, minha família foi a tia Dalma, ela não tinha filhos e cuidou de mim como se fosse a filha dela, aí agora que ela se foi eu praticamente não tenho mais família... (Entrevistada mulher trans 5, em fevereiro de 2021).

Uai, como tudo né, porque a sociedade não dá muita assistência pra gente trabalhar, tipo em loja, essas coisas, é muito difícil, a sociedade não dá oportunidade principalmente com as trans, as oportunidades já são poucas no mundo gay, nas trans então é menos ainda, então a gente tem que recorrer a isso ou então cabeleireiro, coisas assim. Tinha que ter né, tinha que ter mais oportunidade de trabalho (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

Todas as trans que optaram por nos ceder entrevistas possuem idade entre 26 e 38 anos, sendo quatro das cinco com idade superior a 35 anos. Essa idade, um pouco mais avançada, em relação à média de idade das trans que praticam esse trabalho no Brasil, deve-se ao fato de que as mais jovens que trabalham

com prostituição em Alfenas/MG não quiseram ser entrevistadas. Mesmo conversando e me recebendo tranquilamente, na hora da gravação, elas preferiam não se envolver. Sendo assim, o grupo de aproximadamente 15 trans que atuam na Avenida tem uma média de idade bem menor do que as que foram entrevistadas. Nas diversas conversas informais que ocorreram com o grupo, foi possível notar que existem bastante trans e travestis com faixa de idade entre os 20 a 30 anos e algumas até mais novas que isso.

Escolaridade

A trajetória escolar das transexuais e travestis comumente é marcada pelo preconceito e não aceitação tanto da escola quanto dos colegas. Fato esse que leva muitas delas a abandonarem a escola.

Quando eu ia para a escola, eu fui pra escola de mulher já, porque com 13 anos eu já comecei a minha transição, eu ia para a escola e era difícil pra mim porque ou eu tinha que sair antes dos meninos ou eu tinha que sair depois porque senão eu apanhava. Aí eu tive que parar de estudar também, porque se eu ia pra escola de mulher a professora falava que eu não era normal, chamava até psicólogo porque nessa época eu já estava me transformando já. Então eu passei muita dificuldade (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Das cinco entrevistadas, somente duas tinham conseguido concluir o ensino médio e é observável que essas entrevistadas que concluíram começaram sua transição para mulher um pouco mais tarde que as outras, na faixa dos 17 ou 18 anos. As outras três que não conseguiram terminar contaram que, por terem começado sua transição muito novas, 13 a 15 anos, o ambiente escolar se tornou muito repulsivo devido à resposta a essa transição dada por colegas e pela escola em si.

Nas conversas informais realizadas com as outras trans, que preferiram não gravar entrevista, percebe-se que ter o ensino médio completo é algo mais recorrente entre as mais jovens. Fato que pode demonstrar a maior conscientização da sociedade e da escola, levando à maior aceitação dessas mulheres trans e/ou travestis que, apesar de estarem longe de serem bem aceitas, têm sido melhor tratadas no ambiente escolar, obviamente não de maneira livre de preconceitos, mas de maneira menos hostil do que as mais velhas eram tratadas antigamente.

Rendimentos financeiros

Na pesquisa de campo foi constatado que elas conseguem auferir um rendimento maior do que a média da população brasileira, a maior parte delas ficando entre 2 a 3 salários mínimos.

Varia muito, mas eu, tô falando no meu caso, uma média de uns 2500 a 3000 ali. Não é ruim não, mas é um dinheiro muito sofrido, tem gente que fala que é um dinheiro fácil, mas não é fácil não, é muito

Evânio dos Santos Branquinho, Jean Luka Fernandes Dutra

sofrido, tem que aguentar homem bêbado, chato, é rápido, mas é sofrido (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

As constatações, por parte delas, a respeito do valor relativamente alto do rendimento costumam se concentrar no fato desse dinheiro ser sofrido para ser ganho, ser uma atividade perigosa e que o movimento e valor dos programas variam muito de acordo com a situação econômica da população ou, mais recentemente, pela pandemia da Covid-19, que, segundo as entrevistadas, afeta o trabalho.

Ah, isso varia bastante, dependendo da época, agora mesmo no começo dessa pandemia estava bem complicado, mas em tempos normais eu consigo tirar até uns mil por semana, é um dinheiro bom até, mas é ralado, ralado demais (Entrevistada mulher trans 5, em fevereiro de 2021).

Outro aspecto que deve ser citado é que mesmo que a atividade de prostituição dê a essas mulheres um rendimento mensal considerável, entre elas, apenas uma possui casa própria e nenhuma possui automóvel. Esse relativo contraste é muito claro para esse grupo, pois, como elas disseram várias vezes: *"esse é um dinheiro que vem rápido e vai mais rápido ainda"*. Sempre que questionadas sobre o porquê de esse dinheiro ir muito rápido, eram citados dois principais motivos: a necessidade de beber para ter coragem para realizar os programas e o alto gasto que elas têm para se manter atraentes para os clientes (roupas, maquiagem, cabelo, etc.).

Nesse tema, uma das mulheres, Monara Freitas, diferiu dessa condição. Essa mulher trans já trabalhou com prostituição em outras cidades, mas voltando para Alfenas/MG se tornou chefe de cozinha de um buffet na cidade, conseguindo uma renda relativamente alta e não dependendo mais da prostituição como forma de renda.

Não, eu não trabalho com prostituição, eu trabalho numa empresa, trabalho registrada. Eu sou chefe de uma cozinha, de um buffet, eu tomo conta da cozinha, se chega carne eu que tenho que fiscalizar; eu tomo conta das cozinheiras, é assim que funciona (Entrevistada Monara Freitas, em novembro de 2020).

É importante citar esse fato, pois demonstra que não necessariamente toda mulher trans ou travesti trabalha com prostituição, como referido anteriormente. Sabemos de todas as dificuldades que existem para essas mulheres adentrarem no mercado de trabalho formal e como elas acabam sendo empurradas pela sociedade a esse ramo. No entanto, casos como o da Monara ajudam a desmistificar a relação direta feita socialmente de que toda mulher trans ou travesti trabalha com prostituição.

Sonhos e perspectivas futuras

Algo que sempre recebeu atenção, tanto nas entrevistas quanto nas conversas informais com o grupo de mulheres trans e travestis foram as

perspectivas futuras e sonhos que elas possuem. Sendo que todas sempre respondiam uma coisa em comum, sabiam que esse ramo de trabalho da prostituição não era algo duradouro e que elas não pretendiam ficar nisso para sempre.

Ah eu não pretendo continuar nessa vida não, o futuro aí depende um pouco dos governantes o que tá vindo agora com as eleições né, mas assim essa vida não é, posso ser sincera, a gente não vai ficar assim pra sempre, não vai ter saúde pra sempre, a gente envelhece, quando tá mais nova é gostoso, por enquanto é gostoso, não vou mentir falar que não, entendeu, mas eu morro de vontade de sair dali, arrumar um emprego normal, tipo caixa de supermercado, alguma coisa assim sabe, um emprego normal, trabalhar numa loja algo assim (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

Somente de uma mulher trans escutei o desejo de estudar futuramente, em uma conversa informal, ela queria se formar como pedagoga na Universidade, pois seu sonho é trabalhar com crianças. Mas, de maneira geral, a possibilidade de ensino superior não costuma nem ser cogitada, traços claros da exclusão escolar e social que esse grupo costuma sofrer, bem como o distanciamento institucional da Universidade, com os grupos marginalizados e excluídos.

A Universidade, apesar de todas as mudanças nos últimos anos, em que formalizou um discurso de que agora seria inclusiva e aberta, ainda não é vista por grande parte da população como um lugar que podem e têm o direito de acesso. No caso das mulheres trans, costumeiramente excluídas dos espaços e desumanizadas pela normatividade, isso fica ainda pior.

Além dessas perspectivas mais ligadas à profissão, algumas também relataram sonhos no aspecto pessoal. O sonho de constituir uma família é algo que apareceu algumas vezes, e também sonhos de morar fora do Brasil.

Eu tenho vontade de viajar pra fora do Brasil, tanto que esse ano eu ia viajar pra São Paulo de novo, ia fazer viagem pra fora, pra Curitiba, juntar um dinheiro e ir embora pra Europa. Eu pretendo morar assim futuramente fora do Brasil. Ou pretendo arrumar um cara que se interesse por mim, goste de mim, que tenha dinheiro, que queira me ajudar e que eu goste dele também. Eu não quero ficar nessa vida pra sempre. Ou juntar um dinheiro, voltar pra cá e abrir alguma coisa pra eu viver (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Como eu te falei eu queria constituir uma família, eu sempre tive essa vontade, então queria arrumar um homem que tivesse dinheiro, me mantivesse bem e quisesse montar uma família, aí eu saio da rua, porque aí não precisa mais e procuro algum trabalho normal, supermercado, cabeleireira, algo assim (Entrevistada mulher trans 5, em fevereiro de 2021).

Interessante notar aqui que a perspectiva de sair da vida da prostituição se referencia na construção de uma família, na qual a figura do “homem que

banca a mulher” se faz presente. De certa maneira, esse discurso mostra a vontade de alcançar uma socialização à qual mulheres são tradicionalmente submetidas. O território da prostituição trans é cheio de sonhos e um dos principais deles é sair desse território.

A prostituição transexual e travesti em Alfenas/MG

Com o passar das últimas décadas, a cidade de Alfenas/MG apresentou um ritmo significativo de desenvolvimento econômico e urbano, consolidando-se cada vez mais como uma cidade média. Atuando como um polo regional com forte atração das cidades pequenas vizinhas, tendo destaque principal no setor de saúde e educação.

Toda cidade é do ponto de vista geoeconômico, isto é, das atividades a partir de uma perspectiva espacial, uma localidade central, de nível maior ou menor de acordo com a sua centralidade - ou seja, de acordo com a quantidade de bens e serviços que ela oferta, e que fazem com que ela atraia compradores apenas das redondezas, de uma região inteira ou, mesmo, de acordo com o nível de sofisticação do bem ou serviço, do país inteiro e até de outros países (SOUZA, 2010, p. 25).

O fato de Alfenas/MG possuir duas unidades da Universidade Federal de Alfenas e um campus de uma grande universidade privada, a Unifenas, influencia significativamente a dinâmica da cidade, tornando-a um polo regional de processos migratórios para populações que buscam a realização do ensino superior.

A difusão de modernizações é, assim, responsável por notáveis diferenças dentro de um país, com criação de polos internos. A modernização sempre vai acompanhada por uma especialização de funções que é responsável por uma hierarquia funcional (SANTOS, 1992, p. 32).

A partir dessas especializações, a cidade vai se configurando, cada uma com suas especificidades e atuando de maneira distinta dentro de uma hierarquia funcional. Constituindo-se com base nessas especialidades, mas também por suas diferentes classes e segmentos sociais e suas características culturais.

Considerando essa reestruturação espacial, com novas funcionalidades e diferenciações na hierarquia urbana, abre também espaço para o surgimento de novos territórios. A partir do aumento da oferta de serviços e o incremento de pessoas à procura dessa oferta, surgem também os territórios de prostituição. Hoje em dia, não somente para atender à população de Alfenas/MG, mas também para atender um público de municípios vizinhos, como foi constatado em nossa pesquisa.

Sendo assim, torna-se mais visível a atuação das profissionais do sexo – prostitutas transexuais e travestis –, que se apropriam de um espaço geográfico, territorializando-o. Nessa territorialização, elas também se tornam agentes da produção do espaço urbano, materializando territórios e construindo novas territorialidades.

A territorialização da prostituição transexual e travesti em Alfenas/MG

Os trabalhadores e as trabalhadoras do ramo da prostituição são, frequentemente, vítimas da marginalização pela sociedade. Além disso, tal atividade existe, muitas vezes, como única alternativa para certos sujeitos, dentre eles, para as mulheres transexuais. Em Alfenas/MG, a trajetória da prostituição trans/travesti se deu mais na chamada “batalha de rua”, termo usado por elas para diferenciar a prostituição em boates e casas de show da prostituição realizada em ruas e avenidas.

Por meio de observação direta, de entrevistas e de diversas conversas informais com esse grupo de mulheres trans e travestis que exercem a atividade de prostituição na cidade, foi possível coletar informações e traçar paralelos sobre o exercício da prostituição trans/travesti, o seu respectivo território e como se estabeleceu onde é atualmente, na Avenida Governador Valadares. É lugar comum na cidade se referir a esta Avenida como lugar de atividade das travestis, referência geralmente carregada de preconceito e discriminação.

Essa Avenida tem um importante papel na circulação da cidade, está situada a partir da área central até o fim da zona norte (Figura 1), sendo a ligação direta de Alfenas/MG com a BR-369. Essa ligação da BR-369 é a rota principal usada por caminhoneiros e motoristas vindos da capital, Belo Horizonte, e também de cidades vizinhas como Campos Gerais, Campo Belo e Nepomuceno, o que gera um constante tráfego de veículos ao longo da Avenida, inclusive de veículos pesados.

Foi muito difícil obter fontes confiáveis sobre o começo da atividade de prostituição nessa área, pois, pelo o que foi relatado, a prática nesse local já é algo bem antigo, tanto que a maioria das trans e travestis que trabalham ali afirmaram que não sabiam como começou e que essa atividade teria sido sempre ali. Como motivo dessa localização específica para a prostituição trans em Alfenas/MG, uma das entrevistadas pontou o seguinte:

Olha, quando eu comecei já era ali, já tinha. Aquilo já tinha bem antes e eu comecei há uns 17 anos atrás, creio eu que uns 25, 30 anos atrás já tinha ali. O motivo é a saída pro lado de Campos Gerais, eu mesmo tenho muitos clientes de lá, passa bastante caminhoneiro também, às vezes passa ali, quer uma coisa diferente, uma boneca, aí nós tamo lá (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

Além desses, que parecem ser os principais motivos, foram citados mais dois fatores que se articulam: a avenida em questão possui intensa atividade comercial durante o período diurno, sendo composta de comércios e empresas de diversas áreas, desde farmácias, supermercados e escritórios de advocacia, até bares, lojas de carros e oficinas mecânicas. Comércio esse que cessa, quase que completamente, à noite, exceto pelos bares. Desse modo, ao longo de sua extensão, existem poucas residências, sendo a maioria de estudantes da Universidade Federal de Alfenas, que tem seu campus principal localizado bem ao lado da avenida.

A partir dos diálogos realizados, das entrevistas e de repetidas observações

diretas, foi possível estabelecer a localização com os principais pontos e com a área da Avenida que é usada territorialmente para a prostituição trans.

Sabe a farmácia Americana? Da farmácia Americana pra baixo, às vezes têm umas menina que fica ali na farmácia, naquela esquina ali de baixo, eu gosto de ficar mais ali perto da Cocobongo [bar], eu fico mais ali da Cocobongo até pra cima do bar do Leitão ali, e mais pra baixo vai até lá no trevinho, o trevinho lá em baixo do Jardim São Carlos, aí depois mais pra cima lá acho que não tem não, porque não tem movimento né, muito estranho, muito escuro e muito longe, eu mesmo não arrisco ficar lá não. Aí é só na Governador, nas ruas laterais a gente não pega (Entrevista com Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

O começo da prostituição nessa região parece ter se estabelecido a partir da existência de um antigo bar situado na avenida, chamado Esquenta. Segundo o que foi relatado por uma das entrevistadas, esse bar, antigamente localizado em uma altura que ainda é usada para prostituição, funcionava como um ponto de encontro onde as trans, travestis e mulheres hétero se reuniam para oferecer serviços de prostituição aos clientes. Sobre isso, uma entrevistada destacou um fato ocorrido há mais de 20 anos:

[...] isso eu tinha uns 14 anos, na época o trabalho das trans era num bar que chamava Esquenta e ficava ali na Governador, ali que era o ponto de todas, umas ficavam também nas esquinas da avenida, mas a maioria ficava ali. Nisso trabalhei bastante ali, minha tia sabia, mas como eu ajudava em casa, ela não tinha muito problema com isso, rezava por mim todo dia inclusive porque morria de medo. Fiquei uns dois anos trabalhando ali. Aí depois disso, o bar fechou porque tinha que pagar muito dinheiro pros policial deixar funcionar, aí as menina que ficava muito ali começou a espalhar pra Avenida porque ali passa cliente né, caminhoneiro, homem casado, povo de Campos Gerais... (entrevistada mulher trans, 5 em fevereiro de 2021).

Contradizendo o que foi mencionado por algumas entrevistadas, quando mencionaram que a prostituição teria sempre ocorrido na avenida, descobrimos que, nessa época, o trabalho de prostituição trans e travesti teria começado em outro local. Segundo o que nos revelou uma entrevistada, esse trabalho acontecia também no antigo terminal rodoviário, local inclusive bem próximo da avenida em questão, localizado na área central de Alfenas/MG e que tem um grande fluxo de pessoas. Segundo ela:

Acho que é porque de ser uma avenida né, tem movimento, é movimentada né, os carros passam, vão e voltam pra cima e pra baixo. Muito antigamente era na rodoviária, começou foi na rodoviária, não foi comigo não, mais antigos travestis ficavam mais é na rodoviária mesmo. Aí depois que foram e ficaram mais na Avenida igual é agora (Entrevista mulher trans 3, em novembro de 2020).

Seguindo essas informações, podemos traçar um paralelo em conversas com as mulheres trans e travestis que praticam essa atividade. No fim, chegamos à conclusão que a atividade de prostituição trans/travesti iniciou na cidade localizando-se, principalmente, no antigo terminal rodoviário e mercado municipal, isso há aproximadamente 30 a 40 anos. Com o passar dos anos e a abertura desse bar Esquenta, há mais de 20 anos, essa atividade territorializou-se por lá, mas, como afirmado, o bar teve um tempo de funcionamento curto, o que levou as trans, travestis e prostitutas a se territorializarem ao longo da Avenida, pelos seguintes motivos: clientela, grande fluxo de automóveis e pouca presença de moradores.

A partir dessas revelações, entendemos que os motivos para a territorialização da prostituição transexual pela extensão da Avenida Governador Valadares giram em torno da maior rentabilidade da própria atividade e da menor exposição para os sujeitos que não fossem os potenciais clientes. Ligada a essa dupla motivação, tem-se uma espécie de fato histórico que originou essa migração, que foi o funcionamento de um bar, no qual ocorria a atividade de prostituição e onde as trans podiam oferecer seus serviços. Ou seja, a partir de um fato material unido ao significado simbólico da aceitação das transexuais e travestis, motivações comerciais-econômicas e puramente espaciais (pouca presença de moradores) levaram à formação do território de prostituição transexual de Alfenas/MG, que se instituiu na referida avenida.

Características do território da prostituição transexual e travesti da Avenida Governador Valadares

Anteriormente, discutiu-se por quais motivos e como o território de prostituição trans se territorializou no local onde está atualmente. Agora, discutimos quais aspectos fazem dessa área um território e quais são suas características e peculiaridades.

Entendendo o território a partir de concepções menos tradicionais, de modo que fugimos da ênfase da escala do Estado-nação, a área de prostituição trans e travesti em Alfenas/MG se constitui, sim, um território, mas com características particulares. Um território porque é um “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p. 78). Essa é, porém, uma fórmula que deve ser entendida somente como uma primeira aproximação. Necessária, sim, mas insuficiente, segundo o autor.

Dentre as peculiaridades desse tipo de território, está a sua existência por tempo e horários determinados, à noite e de madrugada. Enquanto, durante o dia, a Avenida é usada por trabalhadores dos comércios e demais serviços locais, moradores no caminho para suas casas, estudantes, pessoas fazendo compras e gente cuja moral vigente costuma definir como decentes. Quando chega a noite, a avenida é utilizada pelas mulheres trans, travestis, seus prováveis clientes e também algumas pessoas de passagem por essa área. Isso estabelece o território da prostituição transexual em Alfenas/MG, segundo o que foi definido por Souza (2000), como territórios cíclicos, onde, dependendo do horário, o mesmo espaço apresenta territórios diferentes.

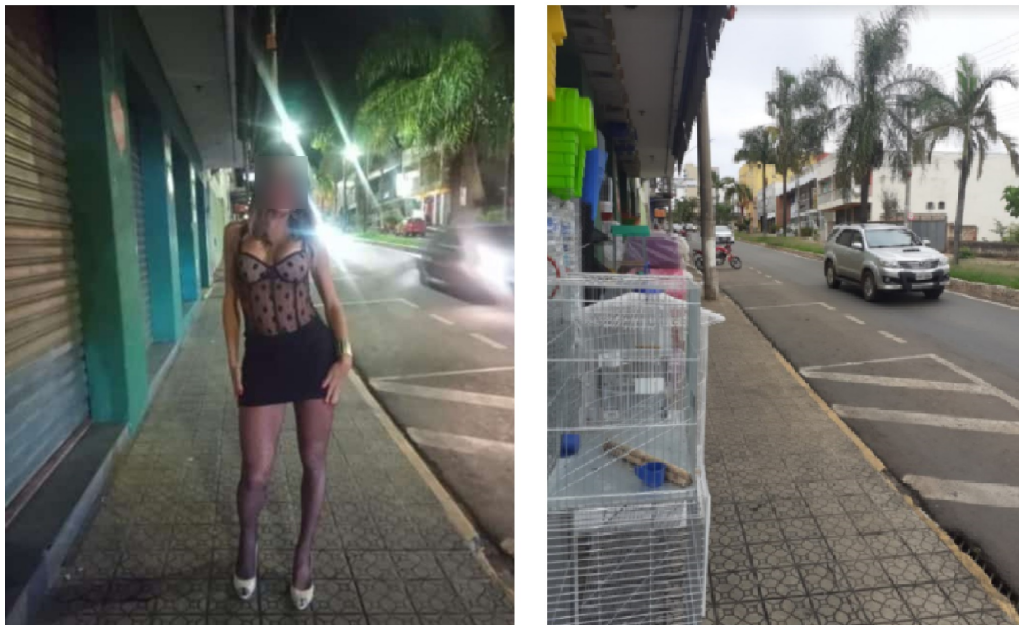
Na Governador Valadares, esses horários de forte atuação do território de

prostituição trans foram definidos a partir das entrevistas e observações diretas durante esses horários.

Então eu vou pra rua na terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Aí domingo e segunda eu não gosto de ir não, às vezes só dou uma voltinha. Aí saio daqui de casa umas 19:30h, mas hora também é complicado, quando a rua tá bem, a gente fica até mais, no começo de semana é bem fraquinho o movimento, aí hoje (quinta-feira) já começa a melhorar; aí eu saio tipo 20h e chego meia noite, 1h. Eu mesmo só fico mais de madrugada na sexta e sábado, porque segunda e terça, ficar ali depois da 1h só se tiver muito chapada porque não passa carro nenhum, não tem movimento nenhum. Têm dias que a gente fica ali, se empolga fica conversando uma com a outra, aí só percebe o horário quando passa a Alfetur (risos) (Entrevista com Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

A partir desses apontamentos, foi possível definir que a territorialização e, conseqüentemente, a atividade econômica da prostituição acontece na avenida de maneira mais intensa entre quarta e sábado, variando de acordo com alguns fatores, mas sempre atuante pelo menos das 23 às 3 horas nesses dias.

Figura 2 – Diferença de uso da avenida durante o dia e à noite



Fonte: o autor.

Abordando esse mesmo território a partir da concepção de Haesbaert (2004), que analisa o território sobre três dimensões: política, econômica e simbólica, propondo, por fim, a perspectiva integradora das três esferas:

Território como um espaço que não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural. Território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (HAESBAERT,

2004, p. 74).

Na dimensão política, o território é visto como um espaço delimitado por relações de poder, sendo assim, o território o qual esse estudo se dedica, aparentemente e pelos relatos das pessoas entrevistadas, parece apresentar menos conflitos e disputas do que costumam ser relatados em outros territórios de prostituição ao redor do país.

Aí não tem, graças a Deus aqui não tem, não tem cafetinagem, porque onde tem cafetinagem é foda, porque aí a gente tem que trabalhar, dar dinheiro pra rua, mas graças a Deus aqui em Alfenas não tem. A gente também é tudo amiga, não tem muita competição, tem que ser né, porque já somos poucas, já somos excluídas e se a gente ficar entre a gente matando uma à outra, como que vai ser, aqui graças a Deus é super tranquilo (Entrevista com Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

Contrastando esse depoimento, um morador da Avenida entrevistado relatou algo diferente.

Ah, eu já vi algumas vezes alguns casos assim, eu quando trabalhava no estabelecimento na Governador mesmo, já vi várias vezes as menina chegarem escorraçadas lá, ensanguentadas, chegarem muito loucas mesmo, por causa dessa coisa de ter que aguentar o dia a dia de trabalho complicado se enchem de droga, bem complicado mesmo. E além disso uma vez eu vi as trans brigando entre si, não entendi o porquê mas a que costumava ficar ali em frente bateu bastante numa que era bem menor que ela (Entrevista com morador 1, em fevereiro de 2021).

Além desse, uma outra mulher trans trabalhadora da Avenida relatou um conflito no qual a disputa de poder entre elas e homens que estavam passando pelo local foi bem marcante:

Aqui não tem muito não, teve uma vez só que tentaram me bater, eu e uma amiga aqui em Alfenas, mas nós já deixamos uma faquinha escondida na esquina, aí quando desceu os homens do carro xingando e falando que ia bater em nós a gente já pegou a faquinha do chão e chamamos e eles correram, mas só essa vez (Entrevista com mulher trans 4, em janeiro de 2021).

O aspecto político desse território se dá no fato dessas mulheres trans conseguirem praticar sua atividade econômica, diante de todas as exclusões sofridas. Para grupos tão fortemente oprimidos socialmente, como é o caso do grupo de estudo desta pesquisa, a sobrevivência em si já é um ato político.

Segundo Haesbaert (2004, p. 62), o aspecto econômico do território “ênfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos”. Essa é, provavelmente, a dimensão mais visível do território aqui analisado. As mulheres trans e travestis que trabalham estão ali por um motivo:

a não aceitação delas no mercado formal de trabalho, o que leva à atividade de prostituição como fonte de renda.

Renda essa, inclusive, relativamente alta, em comparação à média nacional, como já foi discutido anteriormente. Esse fato leva a outra discussão: a relação entre a exclusão social e a inclusão econômica que é submetido esse grupo. Martins (2002), ao discutir a dialética exclusão/inclusão, propõe que, no estágio que o capitalismo atingiu, grupos podem ser economicamente incluídos, mas ao mesmo tempo continuarem excluídos socialmente: “A sociedade que exclui é a mesma sociedade que inclui e integra, que cria formas também desumanas de participação, na medida em que delas faz condição de privilégios e não de direitos” (MARTINS, 2002, p.11).

Informações como a renda relativamente alta das mulheres trans e travestis que trabalham com prostituição, em contraposição aos diversos tipos de preconceitos e formas de exclusões sociais que elas enfrentam, inclusive no mercado formal de trabalho e também na trajetória escolar, como mencionado anteriormente, revelam a contradição afirmada por Martins (2002). Pois essas mulheres são economicamente ativas na sociedade, ao mesmo tempo em que têm seus direitos sociais básicos negados.

Tratando agora da última dimensão, a simbólica-cultural. Em uma controversa tese contemplando o mesmo objeto de estudo, Ornat (2008) discute a instituição e a construção do ser travesti ou transexual. A partir da frase “se aprende a ser travesti na rua” ouvida diversas vezes na sua pesquisa, o autor destaca como a atividade de prostituição trans ou travesti atua na formação desses sujeitos. Considerando que esse território porta uma função dialética, na qual tanto ele é constituído e mantido pelas trans ou travestis, ao mesmo tempo, a vivência nesse território transforma o ser travesti/trans.

Nas diversas conversas informais que foram realizadas com esse grupo, essa frase: “se aprende a ser trans sendo” ou “se aprende na rua, na batalha”, era uma constante. Em um recorte da fala de uma das entrevistadas, essa relação dialética e o fato da atividade de prostituição transformarem a mulher trans é bem visível:

Com uns 17 anos eu acho, eu fui pra lá, trabalhar lá como trans, lá que eu aprendi mesmo o que é batalha de ser trans. Trabalhava demais, lá tinha muito cliente, e eu era muito nova, muito bonita, fiz bastante dinheiro, coloquei peito, coloquei bunda, mas esse dinheiro vai muito fácil, vem rápido e ralado mas vai rapidinho (Entrevista com mulher trans, 5 em fevereiro de 2021).

Ao se individualizar os temas e tipos territoriais para depois agrupá-los, fica ainda mais claro como essa atividade de prostituição trans/travesti da Avenida Governador Valadares realmente constitui um território para que a atividade ocorra. Território esse que, visto a partir da perspectiva integradora de Haesbaert (2004), apresenta fortes características nos aspectos políticos, econômicos e simbólicos-culturais.

Sendo assim, o espaço nesse estudo é considerado a Avenida Governador Valadares e tudo que está ali inserindo, a partir disso, as mulheres trans e travestis usam espaço, territorializando-o pela atividade de prostituição com o

intuito principal de conseguir renda com esse trabalho, mas também gerando os outros aspectos territoriais, simbólicos e políticos, que foram explicados anteriormente. No caso deste grupo, isso ganha um caráter especial, pois é na sua atividade profissional que elas se territorializam e é nesse jogo dialético entre atividade e território que elas se constituem enquanto grupo identitário, que elas se fazem transexuais e travestis.

A partir das perspectivas teóricas sobre o território, presentes em Souza (2000), Haesbaert (2004) e Raffestin (1993), podemos entender a atividade de prostituição de mulheres trans e travestis que ocorre na Avenida Governador Valadares como um território, esse que é atuante tanto no aspecto político, econômico e simbólico na vida dessas mulheres. Além disso, esse território, mesmo tendo um forte aspecto local, dentro das especificidades de uma cidade média, também está inserido no conceito de rede, a partir das migrações que essas mulheres trans e travestis realizam, como explicaremos mais detalhadamente no próximo item.

Redes e migrações das mulheres transexuais e travestis de Alfenas/MG

Nesta parte, relacionamos o binômio território-rede – já referido anteriormente – com o que acontece na prática com as transexuais e travestis devido à mobilidade frequente da sua atividade de prostituição e seus territórios. As migrações, entre esse grupo, é algo bem comum, normalmente ocorrem motivadas pela vontade da própria trans ou travesti. No caso de Alfenas/MG, a grande maioria das vezes, a migração ocorre em busca da melhoria na qualidade de vida, aumento no rendimento e, com isso, maior possibilidade de conseguir realizar as cirurgias plásticas necessárias para a redesignação de gênero.

O território para elas está constantemente em movimento, impulsionado por migrações frequentes. Constituindo assim, muitas vezes, um território-rede. (HAESBAERT, 2004).

Algo que pode demonstrar a concretude dessa rede migratória é que dentre as cinco mulheres trans que aceitaram gravar a entrevista, todas fizeram, pelo menos uma vez em sua vida de mulher trans, o movimento de migração para a cidade de São Paulo com o intuito de trabalhar com prostituição por lá.

[...] com 13 anos de idade eu fui embora pra São Paulo, eu morei 12 anos em São Paulo, aí quando eu comecei a me transformar eu já queria ser mulher a todo custo, eu queria pôr peito, eu já queria ter o corpo de mulher; eu não queria ficar assim do jeito que eu era de homem, eu queria me transformar em mulher; me olhar no espelho e me ver assim em corpo de mulher, com peito grande, aí eu me transformei todinha. Com 14 anos eu já me transformei todinha, aí voltei pra casa de mulher já, voltei pra passear mas fiquei morando lá por 12 anos (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Comecei, depois fui pra São Paulo, aí de São Paulo voltei com meu corpo todo transformado, porque aqui é muito difícil a gente conseguir trabalhar e juntar dinheiro pra pôr um peito. Aí fui pra São

Paulo e com três meses eu fiz meu corpo lá e depois morei dois anos e depois voltei pra cá e tô aqui até hoje, tem o que, 12 anos que eu tô aqui de volta. Bastante tempo já (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

A dinâmica migratória mais frequentemente observada entre as mulheres trans e travestis que entrevistamos nesta pesquisa, foi a ida muito jovem para São Paulo para lá conseguirem “se fazer mulher trans mesmo”. O tempo que cada uma passou pela capital paulista é considerável, variando de 2 a 12 anos, até que essas mulheres trans resolveram voltar para sua cidade de origem e, desde então, continuam trabalhando por aqui, com a mesma atividade de prostituição.

Os motivos dessa migração mais constante foram os mesmos, tanto nas conversas informais quanto nas entrevistas: maior clientela, maior rendimento financeiro e maior facilidade de, com isso, realizar transformações corporais cirúrgicas.

A migração é algo mais considerável ainda quando pensamos que os processos de construção de si, a respeito do comportamento, do desenvolvimento da sociabilidade e da questão da aparência física constituem o processo de transformação, que pressupõe a existência transexual. Nesse sentido, a migração para São Paulo constitui um passo nesse processo, algo que adianta a transformação, ou seja, é uma migração que ocorre em busca da constituição da própria identidade como mulher transexual, de modo que articula duas esferas da territorialidade: a esfera econômica-material, ou seja, a busca por mais recursos financeiros e uma atividade de prostituição mais rentável; e, como objetivo dessa migração por causas econômicas, realizar o processo de autotransformação, algo que se refere à esfera simbólico-ideal da territorialidade.

No entanto, nem tudo é positivo na vida da metrópole para as transexuais, em relação à vida na cidade natal. Os motivos da volta delas para sua cidade de origem estão ligados à saudade da família, à angústia, ao alto uso de drogas e às violências sofridas por lá.

Não, eu voltei também porque tipo assim, a gente que faz programa, a gente passa por muitas coisas entendeu, a gente fica tipo com uma angústia, a gente ganha muito dinheiro, eu acabei caindo na droga um tempo, aí eu estava assim já, gastava meu dinheiro tudo com boate, com festa. Aí eu decidi vim pra cá pra eu melhorar, dá um tempo sabe, e nesse mundo nosso também tem muita inveja, muita máfia, nenhuma é amiga uma da outra, sempre uma tem inveja uma da outra (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Depois de uns sete anos lá voltei pra Alfenas, aí já toda mudada, boneca mesmo, porque essa tia Dalma estava doente e acabei ficando com ela por um bom tempo, até que ela faleceu há uns anos atrás, mas acabei que fiquei por aqui mesmo (Entrevista mulher trans 5, em fevereiro de 2021).

Além desse destino, que apareceu mais vezes, também foi relatada a migração para Curitiba/PR e migrações para fora do país, no caso de uma das transexuais, que já viajou para a Europa exercendo a atividade de prostituição. Migrações em menor escala de cidades próximas, como Areado, Serrania ou Campos Gerais para Alfenas foram relatadas poucas vezes, somente uma mulher trans que participou da pesquisa veio de Areado para Alfenas trabalhar com prostituição.

Segundo os relatos, uma migração significativa no que tange às cidades próximas não vem das transexuais, mas sim dos clientes que procuram seus serviços. Os clientes vindos da cidade de Campos Gerais foram citados por quatro das cinco entrevistadas, como um dos motivos para o território de prostituição se constituir naquela avenida.

Por fim, uma figura muito importante nessa dinâmica de território-rede é a da chamada cafetina/cafetão. Essa figura pode ser representada por mulher, homem ou pessoa trans, um pouco mais velha, que alicia transexuais, normalmente mais jovens, com propostas de emprego na prostituição em uma cidade distante. No caso de Alfenas/MG, o destino é, principalmente, a cidade de São Paulo. O papel dela também pode ser a articulação da migração, visto que já tem, como pessoa mais experiente no ramo, uma rede de contatos e conhecimento dos territórios de prostituição na cidade grande.

Então essa ida não foi muito boa não, porque foi muito sofrida, mas foi, me ajudou a colocar meus peito e me transformar mesmo. Eu fui porque eu já fazia programa aqui na Avenida com uns 15, aí eu fui pra Varginha tentar uma vez fazer lá, mas assim fui por mim mesma, aí cheguei lá uma trans mais velha me falou de São Paulo e me apresentou um cara que me levou pra lá. Aí eu fui achando que ia ser muito bom, mas não foi, eu tive que trabalhar muito pra por esses peito aqui, mas lá tem cliente demais né, então dá pra juntar dinheiro pra se fazer mulher mesmo (Entrevistada mulher trans 4, em janeiro de 2020).

Uai eu comecei com os 13, 14 anos eu comecei a prostituir, só que quando eu comecei eu não comecei aqui, porque eu fiquei aqui um mês me prostituindo conheci uma tipo cafetina que me viu na avenida, gostou de mim, aí na hora eu peguei minhas coisas fui na minha casa peguei minha mala que eu tinha e falei pra minha mãe, aí eu vou embora, minha mãe disse não você não vai embora não, você é de menor, aí eu falei não, eu vou embora, eu quero fazer minha vida, eu quero por peito, eu quero virar mulher, peguei e fui embora, sem conhecer sem nada, na cara mesmo (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Partindo dos sonhos dessas mulheres trans, a(o) cafetina(o) promete rendimentos altos, vida de luxo e a tão sonhada possibilidade de transformação cirúrgica do corpo dessas garotas para, com isso, tirar uma parte de seus rendimentos, justificando essa cobrança como custo para a proteção dessas.

Considerando essa mobilidade, pode-se dizer que as travestis/mulheres

trans se reterritorializam a partir dessa mobilidade, desses deslocamentos. Abandonam seus territórios inicialmente construídos atrás de sonhos e melhor qualidade de vida, mas para atingir esse objetivo começam a fazer parte de outro território-rede de prostituição trans ou travesti no seu local de destino, estando mais sujeitas à violência e ao desamparo, visto que se envolvem num território até então desconhecido.

Conflitos e violência com as mulheres trans e travestis de Alfenas-MG

Como resultado do preconceito enraizado em uma sociedade heteronormativa, as pessoas que quebram essa suposta “normatividade” são frequentemente alvos de violência. Sendo assim, as mulheres trans e travestis têm suas histórias de vida e cotidianos definidos pela violência. Segundo Nascimento (2015), os territórios da prostituição travesti e transexual estão imbricados com a violência, sendo estes, muitas vezes, marcados por experiências de morte devido a sua vulnerabilidade, sobretudo em relação às travestis.

Esses fatores levam à terrível situação que o Brasil enfrenta em relação às transexuais e travestis. Segundo o Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans em 2020, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), foi cometido um total de 175 assassinatos de pessoas que expressavam o gênero feminino em contraposição ao de nascimento, no ano de 2020. Esse número expressivo coloca o Brasil como o primeiro colocado no ranking mundial de assassinatos de pessoas trans no mundo¹.

Segundo Rovai (2019, 15), os depoimentos colhidos em sua pesquisa:

[...] revelam a perversidade de uma sociedade atravessada por diferentes hierarquizações: as de classe, das quais também não escaparam, e as de gênero, pelas quais procuram enquadrá-las. Partindo desses padrões binários, em que só um modelo de masculino e de feminino podem existir, elas são punidas. [...] A mulher trans, como as narradoras, cujo corpo foi moldado para o que julgam ser o mais feminino, é punida também, por uma moral que entende como anomalia, como vergonha que foge de sua virilidade.

A convivência da sociedade com a prostituição trans parte de uma negação cínica da existência dessas pessoas. O cinismo se caracteriza pelo fato de que é o mesmo grupo social que se utiliza dos serviços das transexuais, também as marginaliza e vitimiza. Na esteira dessa marginalização e violência, a sociabilidade dentro do território da prostituição trans se dá carregado de conflitos que perpassam a ausência de amparo por parte das instituições do Estado e das organizações da sociedade civil. Desse modo, este é um território que se caracteriza pela falta de estabilidade interna provocada pelas disputas e rivalidades, mas, principalmente, pelo fato de que, neste território, sempre estão entrando e saindo pessoas que não têm nenhum compromisso com a

1 Uma das entrevistadas foi assassinada em 01 de abril deste ano, Jaqueline Savieri foi baleada no peito durante uma briga em um bar no bairro Jardim Primavera.

existência transgênera que não seja o uso sexual imediato.

Em sua tese, Ornat (2008, p. 49-50) cita uma frase comumente usada pelo grupo de travestis que é seu objeto de estudo e que elucida muito bem o cinismo/hipocrisia em relação a esse grupo social: “os mesmos homens que fecham as portas durante o dia são os que abrem as pernas à noite”.

Essa violência, tão presente na vida das mulheres trans e travestis, apareceu também nos relatos das entrevistadas, como era de se esperar.

Eu já sofri uma agressão há uns três anos atrás (em Alfenas), o cara, o cliente me esfaqueou, pegou e, eu já tinha feito programa com ele, pagou adiantado, e me esfaqueou e ainda pegou 200 reais meu que eu tinha, aí quem me ajudou foi um estudante que morava do lado, porque eu subi sangrando, com a mão tudo sangrando, passando mal e o estudante que me ajudou, chamou a polícia. Eu já sofri em São Paulo agressão, eu acho que eu tinha uns 14 anos, eu tinha acabado de pôr minha prótese, aí eu saí com um cliente só que ele usou muita droga, aí eu fui no caixa eletrônico com ele, ele pegou fechou o caixa eletrônico e começou a me espancar, depois abriu a porta e saiu correndo e eu quase desmaiei no caixa eletrônico, aí foi uma coisa horrível eu não gosto nem de lembrar (Entrevistada mulher trans 3, em novembro de 2020).

Mas em São Paulo eu fui agredida, não gosto nem de lembrar, mas fui quebrada mesmo, novinha, nessa época eu pensei até em desistir de tudo, entrei em depressão, mas depois saí (Entrevistada mulher trans 4, em janeiro de 2021).

Além dessas agressões sofridas por clientes ou preconceituosos de passagem pelo local de prostituição, a violência sofrida dentro da família também é algo bem recorrente na vida das pessoas transgênero. Essa violência “familiar” ocorre de diversas formas, a não aceitação da identidade de gênero das mulheres trans ou travestis até formas de agressão física decorrentes disso.

[...] como eu disse minha mãe e meu pai não me aceitaram, meus irmãos e irmãs que eram mais velhos muito menos, minha família foi a tia Dalma, ela não tinha filhos e cuidou de mim como se fosse a filha dela, aí agora que ela se foi eu praticamente não tenho mais família (Entrevistada mulher trans 5, em fevereiro de 2021).

Assim, não foi das pior não, tem história que as boneca contam que é muito pior, mas meu irmão mais velho não me aceitou e me bateu bastante algumas vezes, ficava falando pra eu virar homem, foi mais isso mesmo que me fez sair de casa com uns 15 anos. Mas tirando ele, minha mãe me aceita bem até hoje, moro com ela, meu pai não me aceitou muito bem mas me respeitava, mas agora ele já faleceu (Entrevistada mulher trans 4, em janeiro de 2021).

Essas tantas formas de violências que atingem as mulheres trans e travestis é repleta de sentidos, fato esse que molda e transforma essas mulheres,

tornando-as violentas, em alguns casos. Os preconceitos enraizados pela heteronormatividade agem de forma tão forte e constante na vida dessas mulheres que elas acabam muitas vezes se transformando, também, em pessoas violentas em certas ocasiões com o intuito de se defenderem.

Mapa e aspectos do mercado de prostituição em Alfenas/MG

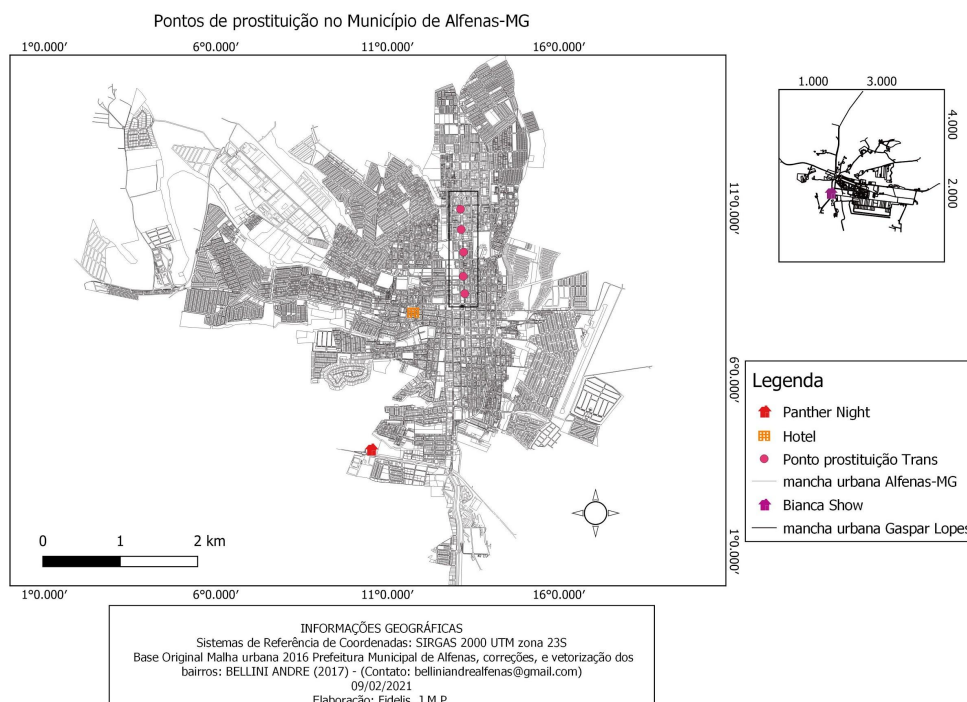
Como último resultado desse estudo, foi realizado um levantamento para a produção de um mapeamento da atividade de prostituição (trans, travesti e hétero) na cidade de Alfenas/MG, com base nas entrevistas e conversas informais com as mulheres trans e travestis e na vivência e observação do autor.

Além das casas e boates que são usadas para a prostituição em Alfenas/MG, também foi mapeada a “batalha de rua”, a prostituição realizada na avenida. Algo bem importante, relatado diversas vezes, foi que a atividade de prostituição por aqui ocorre também em sites especializados. Segundo o relato de Kelly Ribeiro: “[...] o resto é em sites né, muitas meninas de Alfenas/MG estão nos sites ‘Fatalmodel’ ou ‘Travestiscomlocal’” (Entrevistada Kelly Ribeiro, em outubro de 2020).

Esses sites foram citados outras vezes nas entrevistas e nas conversas informais com as mulheres, e esses dois parecem ser os mais usados. Quando o programa é contratado por esse meio, normalmente o encontro ocorre em motéis próximos, quando o cliente possui carro, ou em um hotel na área central de Alfenas/MG, que várias vezes foi citado como usado para a prostituição na cidade.

Além dessa modalidade mais recente de prostituição, a forma mais evidente e antiga foi mapeada no trabalho cartográfico a seguir.

Figura 3 – Mapa da prostituição em Alfenas/MG



Fonte: Fidelis, 2021 (elaboração); Dutra, 2021 (organização).

Considerações finais

Vimos que a acepção de território, para apreender o objeto de nossa pesquisa, precisa ser pensada de uma maneira ampla, que não o resuma a apenas uma de suas perspectivas, nem que esteja engessado a esferas institucionais. Nesse sentido, conseguimos identificar três faces do território da prostituição transexual e travesti em Alfenas/MG que se articulam e mantêm relação: as perspectivas econômica, política e simbólica.

Fundamental também foi entender que o território é onde transexuais e travestis vão se fazendo como sujeitos, ou seja, entendendo que a transexualidade é um processo, em que a pessoa está em transformação para negar os aspectos do gênero com o qual nasceu, o que lhe interpõe uma série de significantes e significados, normas e maneiras de comportamento e aparência. Como as entrevistadas relataram, corroborando o argumento de Silva e Ornat (2011), é no território da prostituição que essas pessoas vão se fazendo mulheres.

Mas a normatividade presente em nossa sociedade gera uma tensão com esses territórios, visto que a transfobia é um problema grave em nosso país, sendo aqui onde mais se mata transexuais e travestis no mundo. O caráter cínico e violento, a partir do qual a sociedade se relaciona com o território da prostituição transexual, faz com que este espaço constitua-se de poderes, normas e moralidade próprios, mesmo que precário e hostil, sendo a agressividade uma expressão da violência geral, a qual as transexuais e travestis são submetidas ao longo de toda sua vida.

Neste território, as transexuais e travestis engendram sonhos e perspectivas de vida, construídos apesar do contexto violento e precário ao qual são obrigadas a se inserir. As redes de migração aparecem como uma forma, tanto de se fazerem enquanto pessoas transgênero quanto de melhorarem de vida. Nesse sentido, vimos que a migração para São Paulo, para conseguir melhores rendimentos e assim bancar suas transformações físicas, foi unânime entre as entrevistadas, mostrando a significância desse processo e que a migração constitui um aspecto desse território-rede, uma vez que essas pessoas voltaram de São Paulo para exercer sua atividade novamente em Alfenas/MG mas, agora, mais transformadas.

O objetivo deste trabalho foi relatar e dar voz, não só dentro da academia, mas também a essas mulheres que sofrem preconceitos, violências e restrições de direitos por serem travestis, transexuais e prostitutas. Integridade, de verdade, seria elas estarem plenamente inseridas socialmente e não obrigadas a seguirem o caminho da prostituição, revelando um processo que demandará muita luta em termos de cidadania.

Não obstante, para diminuir os preconceitos e violências contra a prostituição, especificamente a de transexuais e travestis, deve ocorrer o reconhecimento da atividade como uma profissão. As prostitutas possuem horário de trabalho constante, prestam serviços aos clientes e sobrevivem financeiramente a partir desse exercício, sendo assim, não há grande diferença com um trabalho regulamentado. Com a regularização, elas poderiam pagar impostos e ter direitos básicos assegurados pelo poder público, como a aposentadoria.

O caminho para essa regularização parte, além do poder público e do fim do preconceito da sociedade, também da necessidade de organização das transexuais, travestis e prostitutas. Organizações como a ANTRA, citada anteriormente, e a APROSMIG (Associação de Prostitutas de Minas Gerais), são exemplos a serem seguidos de como a organização das trabalhadoras podem melhorar as condições de vida dessas mulheres.

Referências

ANTRA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Assassinatos/Pesquisas anuais**. Disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>. Acesso em: 20 out. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ESTELLA, Paulo Vitor M. **Geografia do crime: análise espacial da criminalidade no município de Alfenas entre 2012 e 2018**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade Federal de Alfenas, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/ de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/alfenas/panorama>. Acesso em: 15 de outubro de 2021.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão pobreza e classes sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Geise Teixeira do. **Território e territorialidade travesti/transexual em Três Lagoas (MS)**. 2015.

ORNAT, Márcio José. **Território da prostituição travesti e institucionalização do sujeito travesti na cidade de Ponta Grossa - Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2008. 159p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. “A gente é pessoa!”: narrativas de mulheres trans sobre Direitos Humanos. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 0105, 2020.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1992

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Sobre sexualidade e espaço: prostituição e território travesti. *In*: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Evânio dos Santos Branquinho: Conceituação, Análise Formal, Escrita (revisão e edição).

Jean Luka Fernandes Dutra: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Recebido em 01 de junho de 2022.

Aceito em 10 de maio de 2022.

Evânio dos Santos Branquinho, Jean Luka Fernandes Dutra